

Tarsila.

Haroldo de Campos.

"Tarsila: uma pintura estrutural.

Antonio Candido:

"Os nossos modernistas se informaram pois rapidamente de arte europeia de vanguarda, apreenderam a psicanálise e plasmaram um tipo ao mesmo tempo local e universal de expressão, reencontrando a influência europeia por um repulido no detalhe brasileiro".

As identidades eram pelas pintorias com a Arte Negra.

Nós já passamos o pigmento habitual e nos hávamos choques de situações espirituais. Por este fio - Arte Negra e Primitiva -

Iconoclastia

entraram no universo brasileiro com familiaridade - daí retornos o cubismo (os movimentos estéticos).

Destrução é nacional e internacional.



É meu sentido que a arte apurada de Tarsila, não  
faz sentido, é elementar, como o é a de Oswald,  
ou correlato em gênio no nível da literatura.

Elementar porque radical, porque reduzida aos  
elementos de base, porque apurada de tudo que  
não lhe fore estritamente necessário, porque inaugural.

Veja-se a *co* em Tarsila.

A *co* em Tarsila não é um elemento naturalista,  
um elemento de conteúdo.

Seja antes um elemento de forma, sem formante,  
uma *co* estrutural. E no entanto enes roas  
e aqui "caipiras", por exemplo, geometrizado nas  
casinhas que modulam o cenário paulista,  
as também índices, têm um apelo físico residual,  
não rimais, vestígios óticos de um contexto banal  
circumstante para o qual apontam como peças  
remanescentes.

Na ampliação semiótica de Pierce, a *co* é um  
"qualisignó", uma QUALIDADE QUE É UM SIGNO.



Projetar o Brasil, seu clima, sua tão realidade visual,  
Identar de uma linguagem atualizada.

O achado de poder "abranleira" uma tendência  
intencional

Instituto de arte contemporânea